

5- ATRÁS DOS MIMOS: O CLIENTE DAS PROSTITUTAS

“Quero ser amado por uma virgem e consolado por uma prostituta, porque cada uma delas, à sua maneira, me dá a ilusão de virtude.”

Morris West

Por que a prostituição ainda existe?

Essa pergunta é um grande motivo de discussão de estudiosos de diversas áreas. Afinal, a sociedade de hoje tem mais liberdade sexual, o fenômeno do casar-se virgem está cada vez mais escasso e as mulheres, depois da sua emancipação, passam a ousar mais economicamente e sexualmente, sem grandes pudores ou tabus. Será que é isso mesmo que está acontecendo?

As feministas sempre investiram em campanhas em relação ao fim da exploração sexual feminina na prostituição e demonstram o quanto o homem é vil ao procurar uma prostituta e a utilizá-la para saciar suas necessidades físicas. E que as prostitutas, por sua vez, estão ali porque são vítimas de uma situação.

Mas quem são esses homens que frequentam as camas das prostitutas? O senso comum tende a acreditar que sejam homens com dificuldades em garantir relações sexuais com mulheres ditas “comuns” e necessitam da ajuda das profissionais do sexo para obtê-las. Crê-se que se trata de homens rejeitados pela sociedade devido à sua péssima aparência, seu cheiro desagradável ou que estão velhos demais para arrumar uma parceira sexual ou ainda que são tarados, pervertidos, ou compulsivos por sexo. Até que ponto os sujeitos que frequentam a prostituição podem ser taxados nesses estereótipos? Será que o grupo de frequentadores é tão restritivo a esse ponto?

Essas são algumas perguntas básicas feitas pelo senso comum e pela própria comunidade acadêmica sobre a prostituição e quem a frequenta. Explicar as causas das buscas pela prostituição é algo muito difícil, pois a profissão já existe há muito tempo e mesmo com as diversas transformações que a sociedade já sofreu em relação à sexualidade, os homens continuam a procurar serviços sexuais.

Logo, responder a pergunta “Por que a prostituição ainda existe?” é uma tarefa complicada, pois provavelmente não há uma resposta única. Mas um ponto é certo: a prostituição só existe porque há quem procure esses

serviços. E não é um número pequeno de homens, nem é uma característica de país subdesenvolvido. A prostituição existe em larga escala em todo o mundo.

Este capítulo, portanto, tentará avançar nas questões que movem esse mundo prostitucional. Quem são eles e por que estão lá? Quais são os problemas, nas relações entre o gênero masculino e o feminino, que fazem com que a prática do sexo pago seja ainda hoje um fenômeno amplamente praticado e difundido?

5.1- A Busca por Prostitutas

As prostitutas ganharam o título dado pela sociedade de “mal necessário”, a fim de proteger moças virgens da fúria sexual dos homens. A ideia, aparentemente, pode ter sido desfeita devido à liberdade sexual conquistada pelas mulheres, que passaram a ser mais ativas em suas escolhas e comportamentos sexuais. Porém, a prostituta ainda é vista, talvez através de outro contexto, como um utilitário dos homens para saciar seus anseios sexuais.

A relação com a prostituta ainda é justificada como um meio de descarga de uma necessidade fisiológica masculina, que está ligada a uma satisfação e a uma liberação de energia sexual irremediável, para a qual essas mulheres seriam o instrumento ideal desse alívio. Essa justificativa se baseia em argumentações de natureza fisiológica e higiênica, que apesar das mudanças sociais, ainda persistem no discurso cotidiano de homens e mulheres (Leonini, 2004).

Isso pode ser claramente observado quando há uma amenização da traição do homem casado ou comprometido ao procurar uma relação extraconjugal com garotas de programa. Afinal, ela é somente uma prostituta e não uma amante. A prostituta não significa, muitas vezes, uma ameaça real para a mulher, já que com ela, teoricamente, o marido infiel não manteria laços afetivos e nem mesmo uma continuidade nos encontros como seria com uma amante. Seria, portanto, uma breve aventura, um descuido. Já para o homem seria uma “dor de cabeça” a menos, já que a prostituta não lhe exigiria nada no dia seguinte, não ficaria telefonando, não teria que ser conquistada ou mantida por ele. Ela estaria ali, naquele momento, prestando um serviço e, depois do

pagamento do mesmo, acabaria com todos os vínculos. Assim, seu nobre casamento seria mantido sem problemas aparentes (Sousa, 2000).

Outro exemplo, continuando na temática do mal necessário, mostra que muitos homens ainda procuram prostitutas por quererem um tipo de sexo diferente ao que praticam com suas esposas ou namoradas. A ideia de praticar um sexo pervertido e “sujo” está diretamente relacionada com as prostitutas, pois muitos não têm coragem de pedir a suas esposas para realizar suas fantasias ou sabem que elas não vão querer fazê-lo. A imagem da esposa pura, virtuosa, mãe dos filhos, que deve ser amada e protegida é oposta a noção de sexo animal com múltiplas posições e penetrações. Em outros casos, as mulheres, mesmo vivendo em 2010 com toda dita liberdade sexual, não aceitam a prática de certas práticas sexuais solicitados por seus companheiros (Malarek, 2009).

Muitos homens procuram as prostitutas como uma forma egoísta de ter uma mulher devotada e submissa a ele, nem que seja por alguns instantes. A prostituta está totalmente voltada ao bem-estar, ao prazer, a satisfação e ao agrado do cliente ali presente em troca do preço cobrado pelo programa. Ele é o melhor homem que existe, o mais bonito, o mais viril e o mais potente, não há qualquer reclamação ou crítica no momento do programa. E este não precisa se preocupar em agradá-la ou saciar suas necessidades e exigências emocionais. É como se enquanto estivesse com a prostituta, ele fosse o dono dela e pudesse fazer e satisfazer todas as suas vontades, sem qualquer responsabilidade com ela. Ali, ela passa a ser seu objeto, seu brinquedo sexual durante o tempo do programa e nada pode lhe ser negado. Porém, tudo se trata de uma ilusão comprada pelo homem, uma idéia falsa de poder e de jogo de sexualidade (Bader, 2008). Ali, quem põe a grande maioria das regras do programa é a prostituta, que deixa claro todas as possibilidades sexuais a serem realizadas e o preço das mesmas. Assim, se o cliente desejar ter algo a mais, o valor do programa vai aumentando de acordo com as exigências. Vale deixar claro também que as garotas são muito criteriosas a respeito das práticas sexuais, não realizando qualquer prática nem aceitando qualquer cliente.

Leonini (2004) afirma que os aspectos mais positivos e gratificantes desse consumo, para os homens, são o poder que o dinheiro proporciona em escolher e dominar a mulher, sem ser rejeitado e nem precisar se expor, tentando seduzi-la e atraí-la, já que a virtude da sedução e da atração é

diretamente transferida e objetivada no dinheiro, que pagará um serviço breve, fugaz, frio e mecânico. Logo, os momentos mais gratificantes não são os da realização do ato sexual em si, mas sim a conjuntura anterior, que permite que o cliente se sinta no domínio da situação e que possa escolher dentre as várias mulheres (produtos) à sua disposição, aquela que ele pensa que pode satisfazê-lo mais, que corresponde ao seu próprio gosto, ao seu próprio senso estético e ao capricho do momento. Essa fantasia de poder e de domínio dos clientes refletem uma percepção da mulher prostituída como objeto, como instrumento para a satisfação de uma necessidade própria, que será obtido através do dinheiro. A relação com a prostituta, portanto, não se dá como um relacionamento entre duas pessoas “comuns”, mas como um ato de aquisição e uso de um produto para a gratificação momentânea.

Segundo McKeganey e Barnard (1996), os homens têm cinco motivos básicos que os estimulam a buscar prostitutas, são eles a possibilidade de ter tipos específicos e particulares de atos sexuais, que eles (clientes) gostariam de desempenhar ou que desempenhassem com eles; a capacidade de fazer sexo com diferentes tipos de mulheres; ter relações sexuais com mulheres com atributos físicos específicos; a emoção de fazer algo que não seja socialmente aceito; e a vantagem do contato sexual com a prostituta ocorrer naturalmente de forma limitada e sem emoções.

Em relação às práticas específicas, clientes procuram prostitutas por terem vergonha de sua fantasia ou por as considerarem especialistas sexuais dispostas e ideais para realizá-la. Alguns exemplos são práticas sadomasoquistas ou de punição sexual em geral aplicada ou recebida pelo homem, sexo oral, sexo anal, degradações físicas como urinar e defecar no parceiro, além de posições sexuais diferentes que a esposa nem sempre está disposta a realizar.

Já a motivação de ter relação sexual com diferentes mulheres está relacionada ao desejo de ter um numeroso “staff” sexual na vida. O homem vai ao encontro de variedade sexual, aumentando a quantidade de mulheres que ele se relaciona sexualmente em toda sua vida. A procura por prostitutas facilita nesses casos, pois, além de encontrar no meio prostitucional um conjunto diverso de opções de beleza e estilo a disposição, não há envolvimento emocional e com isso, não ocasionará complicações no seu casamento ou namoro. Porém, às vezes, o medo de contaminação de HIV limita ao homem

seu contato sexual com prostitutas, fazendo-o procurar alguém em exclusivo, que lhe garanta “confiança” de saúde, para realizar suas fantasias.

Muitas vezes, o homem vai atrás de um modelo físico ou comportamental específico de mulher. Características como idade, origem étnica e estilo físico (magra/gorda, alta/baixa, com mais bunda ou mais busto) ou com estilos de comportamentos como ser mais “menina” ou mais “vadia”, mais “correta” ou mais “devassa”. Tal modelo físico ou comportamental vai variar de acordo com a vontade e o capricho do momento, satisfazendo a excitação e os anseios daquele instante.

A possibilidade de uma relação fria com uma mulher, na qual não haja envolvimento ou necessidade de conquista, estimula a compra de sexo. Todos os personagens sabem a função pela qual estão ali e, sem cerimônias ou compromissos, consomem o ato. Além disso, ao pagar um serviço sexual, o cliente se livra de qualquer responsabilidade de relacionar-se, e a prostituta, ao aceitar o dinheiro, entra em uma simples troca comercial, na qual ela oferece, unicamente, os serviços combinados. Pode-se entender, nesse modo, a relação com prostitutas como uma satisfação de um prazer egoísta, pois é possível ficar completamente livre da obrigação de satisfazer e dar atenção à própria companheira. A prostituta é vista como uma profissional competente, a qual tem como objetivo a obrigação de satisfazer uma exigência e de oferecer o prazer em troca por dinheiro. Em vista disso, a relação com prostitutas é mais prática, já que as regras do jogo são claras: em troca de dinheiro, a mulher não apenas se torna disponível sexualmente como também não rejeita nem julga o homem (Leonini, 2004).

É importante ressaltar que para as prostitutas, segundo Russo (2006), também há uma delimitação entre o cliente e o companheiro, ou seja, o cliente é aquele com quem se negocia, mas não há um compromisso sentimental. Já com companheiro há o prazer, o amor e a entrega, que são elementos primordiais para que o encontro aconteça.

E por fim, a sociedade não aprova a procura por compra de sexo, independentemente do modelo político-social (Abolicionista, regulamentarista ou proibicionista) que seja exercido no país.

5.2- Quem São Os Clientes?

Ao se pensar nos clientes, podemos ter uma ideia estereotipada dos sujeitos. Entende-se estereótipos como uma representação mental de um grupo social e de seus membros ou de uma estrutura cognitiva - que representa o conhecimento de uma pessoa acerca de outra pessoa, objeto ou situação- a qual tendemos a enfatizar o que há de similar entre pessoas, não necessariamente similares, e a agir de acordo com esta percepção (Rodrigues, Assmar e Jablonski, 2009, pp 138). Muitas vezes, esses clientes são imaginados como homens grosseiros e desajeitados, solitários, fixados em pornografia e com características físicas degradantes, como feios e sujos. No entanto, não é essa a única realidade do meio prostitucional. Há clientes de aparência comum, alguns bonitos, outros feios, de diversas faixas etárias, classes econômicas e profissões. Podemos encontrar desde o adolescente até o idoso e do desempregado ao mais alto executivo.

Segundo Sousa (2000), o cliente imaginário é um indivíduo sem cultura, sem instrução, sem moral, pertencente a um nível social carente em todos os sentidos ou, então, trata-se de um turista que quer companhia durante sua estada ou, ainda, indivíduos que tem alguma espécie de problema sexual.

Entretanto, conforme descrito por Leonine (2004), os clientes de prostitutas são “homens normais”. A autora reflete:

“A “normalidade” do cliente insta-nos a procurar mais de uma motivação ou mais de um conjunto limitado de causas profundas, insta-nos a não construir tipologias rígidas e falsamente abrangentes da multiplicidade de argumentos, discursos, casuísticas, situações biográficas e sociais associadas a esse fenômeno. Nessa perspectiva, o tema “prostituição” perde o caráter de fenômeno claramente circunscrito e de fácil definição, referente ao número limitado e imediatamente identificável de sujeitos “desviados”, para ocupar-se, de maneira mais geral, da definição da sexualidade, tanto masculina como feminina, e da relação entre os sexos na cultura ocidental moderna.”(Leonini, L., 2004, pp 99)

Pelo que se pode averiguar, não há qualquer tipo de restrição para a procura de prostitutas, porém nem todos os clientes são aceitos pelas garotas. Gabriela Leite (1992) retrata isso muito bem:

“Então, por mais que se separe, sempre tem afeto na relação com o freguês. Não é só sexo. Assim como um psicanalista, a prostituta trabalha com desejos e sentimentos, do freguês e dela própria. De uma forma ou de outra, você gosta da pessoa ou não, vai com ela ou não. Se você não quer, não há nada no mundo que te convença do contrário.” (pp 73)

Elas estabelecem mecanismos para categorizar seus clientes e, assim, se proteger dos que nada são compensadores ou inconvenientes e indesejáveis. Alguns dos critérios utilizados para a aceitação ou rejeição de clientes são cliente honesto/ desonesto, cliente gentil/ hostil, cliente saudável/ doente, cliente responsável/ irresponsável, cliente confiante/ perigoso. A partir desses e de outros critérios, as prostitutas avaliam o quanto o cliente pode ser bom em potencial ou não. Quanto mais aspectos positivos eles tiverem, mais serão assediados e vice-versa (Morais 1995).

Apesar de terem o poder de escolha do cliente a quem querem atender, muitas prostitutas perdem essa possibilidade devido as suas necessidades. Segundo Bauman (1990, pp 107-124) algumas pessoas são mais livres que outras, o que torna sua forma de escolha mais ampla, obtendo acesso a mais recursos. Então, ter poder é ter mais condições para agir livremente; com menos poder você fica limitado pela escolha de poder do outro. As prostitutas de baixo meretrício tendem a serem menos rígidas do que as de alto meretrício em relação a escolhas e seleção de clientes por causa de pressões que sofrem. Quanto maior o nível de pobreza e miséria a que estejam sujeitas, mais flexíveis e abertas são as normas que selecionam os clientes. Porém, cabe ressaltar que não se pode legitimar uma polarização que, de um lado estão as mulheres do baixo meretrício que se permitem qualquer tipo de sexo e do outro, as do alto meretrício que tem mais exigência em suas escolhas. Muitas vezes, por exemplo, as prostitutas de alto e médio meretrício são obrigadas a restringir suas escolhas devido à pressão de cafetão. Afinal, o critério de escolha não é estático nem definitivamente padronizado, pois os próprios valores das prostitutas não se apresentam como uma cultura homogênea de princípios e códigos sociais de comportamentos (Morais, 1995).

Segundo Gaspar (1985), o “cara legal” é aquele que sabe tratar bem, tem um bom papo e paga o combinado, às vezes, até mais. Esse é o cliente que é disputado pelas prostitutas e, geralmente, se torna cliente fixo. Muitos deles acabam ganhando certa confiança e procurando as garotas para conversar sobre

seus problemas, pois se sentem confortável em contar seus segredos devido à distância social entre ele e a prostituta, dando às afirmações dela pouco crédito ou acreditando que ela nada irá contar e se o fizer, ninguém vai acreditar. Simões (2010) compara prostitutas a padres dentro desse contexto, pois ambos sabem muito a respeito dos clientes ou fiéis e tais segredos devem ser conservados, como uma forma de um dever profissional. Além disso, é esse tipo de cliente que pode auxiliar durante o período de dificuldades econômicas ou quando a mulher deseja sair da prostituição e abrir um negócio próprio. Moraes (1995) complementa que é o tipo de cliente que, além do programa, gastam bastante no bar, o que lhe gera certos privilégios com as donas de casa, que, geralmente, os trata muito bem.

O fator idade é um critério de escolha determinante para algumas mulheres, pois homens considerados mais maduros tendem a ser os clientes mais fixos, além de serem vistos como “confidentes, amigos e sadios”. Esses atingem um grau de afinidade quase de amante e estão sempre pela zona. Já em relação aos mais jovens, há certa evitação por parte das garotas, pois muitos são considerados como violentos, machistas e drogados. Eles rompem facilmente com os acordos, fazem acusação de desvio e, muitas vezes, querem fazer o programa sem pagar, na base do galanteio barato (Moraes, 1995).

Segundo Leonini (2004), a procura por sexo pago é diferente quando feita por jovens e rapazes ou por homens adultos. Os mais jovens estariam em busca por prostitutas para afirmar a própria masculinidade e a virilidade, procurando obter uma constatação de suas próprias capacidades eróticas e sexuais. Já em referência aos mais velhos, a autora explica que as necessidades atribuídas à frequência aos estabelecimentos prostituidores estão vinculadas a um sentimento de solidão mais psicológica do que física, dificuldade de conviver e de se relacionar com outras pessoas, possuir um sentimento de insegurança existencial que encontra uma solução parcial e momentânea nas fantasias de poder ligadas à escolha de uma mulher em particular, à escolha de um serviço especial ao qual se tem acesso mediante dinheiro, o que garante a certeza de se ter uma relação.

A justificativa dada por Sousa (2000) aos homens mais velhos que buscam a prostituição está ligada a três fatores: solidão; acompanhantes de jovens rapazes que vão ser iniciados sexualmente ou conhecerem a casa; e

clientes tradicionais na casa que já constituíram um vínculo afetivo com uma das prostitutas.

Do grupo dos mais jovens fazem parte os adolescentes que ainda procuram a prostituição como forma de iniciação sexual. Esse rito de passagem é visto como uma necessidade de afirmação como homem diante de si e da sociedade, além de satisfazer uma curiosidade (Lagenest, 1975). Por ter características de um ritual, esse ato nunca pode ser realizado em plena solidão, precisa de testemunhas para confirmá-lo e valorizar sua realização, pessoas que participem da mesma experiência, com as quais possa se sentir unido e pertencente a membro de um novo grupo. O ideal romântico da prostituta como mulher especializada - que, de acordo com Leonini (2004), os pais confiariam os filhos para uma iniciação sexual ou uma confidente de homens adultos, que poderia ser considerada como uma especialista que ajuda a resolver medos, bloqueios, desejos inconfessáveis e que sustenta o homem em suas necessidades sexuais até o momento de se casar – é um estereótipo muito distante. Gabriela Leite (1992) retrata bem esse ritual de passagem do jovem na companhia do pai:

“Eu já tinha ouvido falar das histórias dos pais que levavam os filhos, para terem a iniciação na zona, como coisa comum e normalíssima, mas ainda não tinha estado de frente com uma situação dessas. Quando ele me disse: “Trouxe meu filho para você”, eu olhei para o menino e, mesmo ele sendo bem desenvolvidinho, me assustei. O menino estava pálido, tremendo de medo do ambiente desconhecido. Senti que seria uma responsabilidade imensa eu tirar a virgindade daquele garoto, não sabia mesmo se conseguiria e falei: “Olha, eu te apresento às minhas amigas que podem transar com ele, mas eu não consigo” (p.72)

O pai levando a criança fica cego, desconsidera tudo, só pensa: “meu filho é macho”. Acha que sabe o que é melhor para o menino. Quando essa situação aconteceu pela segunda vez, eu mais vivida, virei-me para o garoto e perguntei:

“Você me acha bonita? Você sente tesão por mim?” E o menino nem piscava, ficava parado como uma estátua. Então eu disse para o pai dele: “Tá vendo? Eu não sou mulher para ele. Você devia ir por aí e perguntar ao teu filho quem é que ele quer, parando de impor o teu desejo”.” (Leite, p 72, 1992)

Esse tipo de busca parece estar diminuindo, visto que, com a liberação sexual de hoje, o adolescente pode encontrar alguém do seu meio com o mesmo tipo desejo sexual. Segundo a pesquisa Datafolha de 2010, 13% dos homens entrevistados tiveram sua primeira relação com prostitutas ou garotas de programa, 48% com namoradas, 19% com amigas e 19% com a própria esposa. A escolha da primeira parceira sexual, segundo a pesquisa, se dá desta forma:

“A escolha do(a) primeiro(a) parceiro(a) muda conforme as gerações: enquanto 33% dos brasileiros com idade entre 45 e 60 anos tiveram sua primeira vez com a esposa ou o marido, essa taxa é de 10% entre os que hoje têm entre 18 e 24 anos, 14% dos que têm 25 a 34, e 19% entre os que estão na faixa etária de 35 a 49 anos. Por outro lado, as gerações mais novas passaram a iniciar mais sua vida sexual com amigos(as) (26% dos 18 aos 24 anos e 21% dos 25 aos 34), em comparação com os mais velhos (14% dos que têm entre 45 e 60 anos tiveram um(a) amigo(a) como primeiro(a) parceiro(a). Ao mesmo tempo, 13% dos mais velhos começaram com uma prostituta ou garota de programa, taxa que é de 3% entre os que têm até 34 anos. Além disso, o início da vida sexual com um(a) namorado(a) é mais comum conforme aumenta a escolaridade (de 40% entre os menos escolarizados até 53% entre os que têm curso superior), ao passo que os que estudaram menos se destacam entre os que tiveram a primeira relação com esposa ou marido (26%), em comparação com os mais escolarizados (13%). Entre os solteiros (58%) começaram sua vida sexual com o(a) namorado(a), mesma situação dos que não costumam ter relações com outros parceiros (53%).”

Um dado levantado por Sousa (2000) é que esses jovens fazem sua primeira visita à um prostíbulo acompanhados por amigos mais velhos ou da mesma idade e não mais por pais ou parentes. Entretanto, a maioria dos adolescentes não recebe da família instruções de prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis, aprendendo geralmente através de amigos ou da mídia. Conforme indaga Petri (1986): “O pai do adolescente crê (geralmente com razão) na iniciação sexual do jovem com prostitutas. Agora preocupa-se: estarão contaminadas?”(p. 59)

Outro critério de escolha dos clientes pelas prostitutas é feito de acordo com o desempenho sexual. Existem clientes que são mais rápidos para atingir o orgasmo, o que os torna clientes mais simples e valorizados, afinal tem um desempenho sexual tranqüilo e imediato. Já aqueles que dependem de certas peripécias sexuais para conseguirem atingir o orgasmo, nunca são considerados

como compensadores, pois além de despenderem muito tempo do programa, desgastam demais as garotas (Morais, 1995).

A timidez pode ser um fator que afeta o desempenho sexual. Por conta dessa limitação, o homem costuma não ousar enfrentar uma mulher qualquer ou se recusa a assumir um compromisso, o que justifica a sua busca do alívio sexual com prostitutas. Assim, não terá que se expor para conquistar ou encarar uma recusa, já que só basta pagar pelo serviço (Lagenest, 1975).

Existem clientes que procuram certo tom de romantismo em suas relações. Eles sentem a necessidade de se sentirem aceitos, querem atingir e conquistar a prostituta que a eles se entrega. O jogo não se esgota com a contratação e com a aceitação da prostituta em prestar serviço, mas continua com a procura, no ato e na relação, de um sinal que deixe transparecer o reconhecimento da particularidade da qual acredita ou deseja ser portador (Leonini, 2004).

Muitos homens geram repulsa nas prostitutas devido a sua aparência. Estes estão enquadrados na configuração popular do cliente das prostitutas por terem dificuldades de arrumarem outras mulheres. Segundo Simões (2002), o péssimo cliente para as garotas é aquele que não tem higiene, fica bêbado, é agressivo, cheira mal, exige muito e paga pouco. A maioria desses clientes, de acordo com Gaspar (1985), está acima dos 35 anos, sendo considerados velhos, e tem certas características físicas – gordo, careca- que não os tornam atraentes.

Há uma parcela de clientes que também gera certa repulsa nas mulheres devido a sua deficiência física. Muitas têm pouca paciência e preconceito em ter uma relação sexual com alguém nesse quadro. Como a imagem social do homem é a de ativo sexualmente e viril, ao se deparar com alguém deficiente, há uma série de estereótipos que suprimem as emoções e carências sociais e sexuais desses indivíduos, como se não sentissem mais prazer ou excitação. Tal fator acaba por afugentar esse cliente dos prostíbulos, pois não buscam prazer por prazer e sim, por uma necessidade fisiológica. Além disso, nem toda prostituta se prontifica a lhes fazer um programa, pois esse cliente exige que esta tenha mais habilidade, paciência e carinho devido as suas limitações.

Há clientes que, de início, se mostram mais tímidos e retraídos, mas, quando chegam para o programa se revelam perversos sexuais, para quem o objeto sexual é completamente desvalorizado. Quando a perversidade é sádica, se tornam o terror das prostitutas devido às suas exigências descabidas

(Lagenest, 1975). Esse homem parece odiar as mulheres, acreditando que elas servem para serem usadas, abusadas e humilhadas. Muitas mulheres são agarradas, estupradas, apanham e, por conseguinte, mortas (Malarek, 2009). A violência se caracteriza como uma forma de subjugar o outro e se explicita através do poder, que se exerce sobre os corpos e mentes de homens e mulheres. Porém, os homens não se sentem culpados com suas atitudes, visto que pagaram pelos serviços e acreditam que mulher está ali porque quer, sendo considerada a principal responsável pelos atos. O dinheiro passa a ser o instrumento que liberta da culpa de todas as agressões, pois, a partir do momento que ela vende “seu corpo”, ele pode usufruir deste da maneira que ele quiser (Lagenest, 1975; Malarek, 2009).

Por fim, um dos critérios de escolha mais imponentes é o tipo de cliente de acordo com sua classe social. A categoria dos “desempregados”, “paraibas” e “peões de obra” é a mais desvalorizada de todas, pois é considerada a classe mais pobre. São os pobres, bêbados ou drogados e sujos, rejeitados por serem julgados como ignorantes e personalidades difíceis, ou simplesmente, nada compensadores. Muitos costumam ser agressivos, submetendo as mulheres a maus-tratos e se recusando a pagar. Alguns não têm dinheiro nem para o programa, ficam caminhando de um lado para o outro somente olhando, sendo considerados como “punheteiros” e indesejados, que ficam só atrapalhando outros possíveis programas.

O ponto de vista da maioria dos homens que já buscaram em algum momento os serviços de prostitutas pode ser percebido, de certa forma, como irônico e complexo, pois eles não veem essa busca como algo positivo, mas como uma passagem obrigatória e pouco prazerosa de suas vidas. Justificam essa experiência como uma necessidade de satisfazer uma curiosidade ou de experimentar o que todos experimentam. A partir desse argumento, como podem procurar algo que lhes gerará prazer e não o considerar como algo prazeroso?

Pode-se perceber a partir desse capítulo que diversos tipos de homens, com diferentes classes sociais, belezas, personalidades e idades, freqüentam o meretrício. Muitos deles respeitam e tratam bem a prostituta, apesar de vê-la com um objeto de consumo para prazer próprio. Entretanto, muitos outros denigrem a imagem da mulher, tratando-a como um mal para sociedade, abusando-a e violentando-a durante o programa. Ela deixa de ser um ser

humano e passa a ser algo que deve ser desprezado pela sociedade. O que vale concluir é que muitos homens ainda procuram a prostituição para realizar seus desejos e saciar seus anseios, independentemente das possíveis justificativas que possam ser dadas. Segundo a Associação dos Moradores do Condomínio e Amigos da Vila Mimosa (AMOCAVIM), durante as noites de sexta-feira e de sábado, cerca de 4.500 pessoas (em torno de 3000 homens e 1500 mulheres) transitam pelas ruas, bares e casas de prostituição no baixo meretrício da Vila Mimosa (local de minha pesquisa). A partir desse dado, pode-se perceber que a relação prostituta-cliente ainda é algo difícil de ser extinto, mesmo com a dita liberação sexual contemporânea.